



Os piores professores

Ano após ano, os resultados dos exames têm invariavelmente uma consequência, que os *analistas* que escrevem na comunicação social não se cansam de reforçar: a estafada e devastadora conclusão de que o estado da educação neste *jardim à beira-mar plantado* é miserável. Alguns não conseguem mesmo esconder as saudades do passado. Dantes é que o ensino era bom, dantes é que se aprendia. Hoje só produzimos empregadas ignorantes, que se arrepiam perante a perspectiva de fazer contas de papel e lápis e se sentem indefesas perante a ausência de uma calculadora; hoje, assiste-se ao desconhecimento vergonhoso do sublime algoritmo da divisão (já nem falo da raiz quadrada!) pela generalidade dos cidadãos (alegadamente até por professores de Matemática). É o habitual embarque em explicações superficiais, em detrimento de análises mais rigorosas que confrontem diferentes tipos de dados, nomeadamente os de âmbito social, cultural e económico.

Inspirado pelas discussões estivais, decidi criar o meu próprio sistema de ordenação, através de um algoritmo muito mais simples e compreensível do que os rebuscados métodos dos jornais: ordenar os professores pelas médias nos exames nacionais de 12º ano. Entram todos, qualquer que seja o número de alunos examinados na respectiva disciplina. Nem preciso de recorrer à Provedoria da Justiça, pois os dados que pretendo são fornecidos voluntariamente pelo Ministério. Lamento muito, caras e caros colegas, o teorema é trágico e doloroso mas a demonstração é trivial: os professores de Matemática são os piores professores do país! Pela parte que me toca, já há muito tempo que o

presentia, mas bem hajam os jornais por me terem fornecido os axiomas de uma nova teoria que iluminou o meu raciocínio dedutivo e da qual me confesso já um fervoroso adepto. A lógica demonstrada na criação de *A Lista* foi um acto de inspiração superior. Depois desta criação temos de reconhecer que se entrou numa nova era: a Era da Lista.

Já agora, como ainda não foi possível determinar um método para avaliar o desempenho dos professores, quero, desde já, antecipar uma proposta relativa aos professores do ensino secundário: o seu desempenho deve ser classificado pelo lugar obtido na lista formada pela média que os seus alunos obtiveram no exame de 12º ano. Proponho até que todos os anos se forme um quadro de honra. E também seria de louvar que a própria Presidência da República instituisse o prémio de melhor professor do ano. Estes resultados deveriam ser determinantes para a progressão na carreira: os professores com médias negativas não mudariam de escalão. Era muito bem feito (que se mudem para as melhores escolas do país!). E mais: os salários deveriam ser indicados de acordo com as ditas médias. Quanto mais alta a média, maior o salário. A minha conjectura é de que se acabava com o insucesso. Ficava toda a gente contente. Excepto os jornais, claro, que perdiam alguns pitéus para as suas páginas... E, já agora, quando alguém vos perguntar "Quais as razões do insucesso e que medidas para o combater?" — esta é a pergunta preferida dos jornalistas, deve fazer parte dos manuais do curso de jornalismo — estejam à vontade para reproduzir estas minhas humildes sugestões. Sobretudo insistam na necessidade de listas. Como em qualquer facto da vida, descubro méritos neste episódio relacionado com as listas de escolas ordenadas em

função de médias de classificações de exames. Por um lado, fornece um bom exemplo para discutir com os alunos a organização e a interpretação (e a manipulação) de dados estatísticos: quem sabe não o poderemos vir a aproveitar para as aulas de Matemática (em particular para a Matemática Aplicada às Ciências Sociais) ou para a Área de Projecto? Por outro lado, coloca de novo a necessidade de discutir qual deve ser o quadro de referência para a avaliação do sistema de ensino não superior.

Luís Reis
Esc. Sec. de Augusto Gomes

Exames, Classificações e Rankings

Recentemente, e pela primeira vez, o Ministério da Educação tornou públicos os resultados dos exames nacionais do 12º ano dos alunos de cada escola. Publicados pela imprensa, logo alguns diários cuidaram de elaborar uma classificação relativa das escolas, um *ranking*.

O conhecimento dos resultados era até aqui possível em cada escola, que não deixava certamente de os analisar, mas agora as classificações de todas as escolas estão ao dispor de professores, alunos, pais, políticos, jornalistas, comentadores, cidadãos em geral. Nada consigo encontrar de negativo em tal conhecimento, bem pelo contrário. Não sendo, a meu ver, os resultados dos exames (dos alunos internos), ao contrário do que pretende certa corrente político-ideológica, o critério único e indiscutível de qualidade das aprendizagens dos alunos e, em geral, da qualidade



do desempenho de uma escola, creio que os profissionais da educação mal andariam se, como também outros nos aconselham, ignorassem os exames e os seus resultados, eles que para a grande maioria dos alunos, emocionalmente estáveis, dão de alguma maneira conta, com uma certa objectividade, do valor de um conjunto importante das suas aprendizagens.

A útil reflexão em cada escola sobre os resultados do exame de Matemática e das outras disciplinas deve evidentemente ir a par com uma rejeição serena de uma eventual atitude de excomunhão das *más* escolas por parte da opinião pública ou da administração educativa, atitude que de momento não vislumbro: na verdade, muitas mais, e muito mais ricas e difíceis tarefas e projectos enformam a vida e o trabalho numa escola do que o simples resultado dos exames. Discutir a melhoria da educação olhando só para os resultados dos exames faz lembrar aquele *maduro* que se recusou a ver o Benfica-Porto e só quis saber que o resultado fora 0-0 ...

José Manuel Duarte
Esc. Sec. Fernando Lopes Graça,
Parede

Ranking das Escolas

Nos últimos tempos têm sido publicadas diversas informações sobre as escolas, de todos os níveis (incluindo portanto as escolas superiores). No inevitável debate havido (que não acompanhei muito bem), parece-me ter-se evidenciado uma preocupação central, e que por essa razão se impôs como justificativo publicamente partilhado para a existência daquelas informações: é necessário pensarmos conjuntamente o que é educar e como cada uma das escolas o está a fazer.

O chamado ranking das escolas foi o último deste tipo de documentos a ser publicado. Creio que muitos professores terão, numa primeira reacção,

procurado um pouco de conforto na posição da sua escola, o que só veio a ser possível para uns tantos, ficando os outros com a amargura. Numa segunda reacção, penso que quase todos se aperceberam do erro que é comparar o que não pode ser comparado (tal como as pessoas, também as escolas são diferentes). O que me está a preocupar agora é a travagem do efeito de reflexão: estamos a começar as aulas, mais do que nunca temos desafios novos a enfrentar (sim, é isso que eu sinto e é isso que eu oiço outros colegas desabafarem), nos quais precisamos de mergulhar, e as preocupações com a análise um pouco distanciada do que temos feito e vamos fazer ficam impossibilitadas — até mesmo esquecidas.

Na minha opinião, o êxito de qualquer transformação educativa depende principalmente das condições para que uma reflexão distanciada possa ser feita, permanentemente. A minha experiência como membro de uma Assembleia de Escola, e também como membro do Conselho Nacional da APM, avisa-me de que essas condições não estão no terreno.

Gostaria, para terminar, de enunciar o mais difícil dos meus dilemas profissionais, que sei ser partilhado por outros professores e que tem muito a ver com o ranking das escolas: como organizar (nas turmas, nas escolas, nos currículos) o trabalho com alunos opostamente interessados pela Matemática?

Note-se: não escrevi *opostamente preparados para a Matemática*, mas sei que também é preciso pensar nisso.

Pedro Esteves
Esc. Sec. José Afonso, Seixal

A matemática num jornal em tempo estival

O interesse societário que tem sido visível sobre alguns aspectos relacionados com o ensino e a aprendizagem da matemática trouxe mais uma vez o assunto a meios de comunicação social de grande divulgação.

Quem perdeu a recente polémica, num dos jornais portugueses de maior tiragem, pode inteirar-se de todos os *capítulos* nas páginas da APM (www.apm.pt) e acho que não se arrepende. Além de ser um tema de interesse evidente para um professor de matemática, sou capaz de arriscar que encontrará afirmações com as quais concordará totalmente, outras que lhe provocarão uma discordância profunda e, principalmente, pontos que convidam a uma reflexão. Por mim, pretendia partilhar algumas elucubrações que vou tentar resumir.

Fortifiquei a minha crença sobre a enorme complexidade do tema em discussão. Apesar de ter sido um assunto específico — as notas de exames escritos, para não variar muito — que despoletou o processo, cedo se verificou a ligação a assuntos bem mais abrangentes e diversificados, demonstrando a dita complexidade. Claro que estou convencido do valor de todos os que escreveram para o jornal e viram publicadas as suas intervenções. Fiquei com a sensação de que é muito difícil que haja um debate esclarecedor, se for esta a forma utilizada.

Mais uma vez me pareceu que é necessário entrar em conta com o grau de envolvimento que os intervenientes têm em relação ao tema em discussão e, portanto, o nível de profundidade que justifica e suporta as suas opiniões. Tenho verificado que a tese de Oscar Wilde sobre o bom gosto — é o que está mais bem distribuído pela raça humana, pois todos pensam que têm muito — pode ser extrapolada e adaptada para os assuntos educativos: um dos assuntos mais



bem conhecidos neste mundo, pois muita gente acha que percebe muito. Devo confessar que desconfio desse manancial de conhecimento alargado, sabendo da tal complexidade e da enorme quantidade de perspectivas diferentes que existem. Como não me parece justo dizer à partida que há intervenientes espertos e outros que o não são, devo ver as participações de acordo com o que transparece como produto de reflexões cuidadas e da situação da pessoa que intervém em relação ao assunto, neste caso o ensino secundário. Por que razão um especialista em marketing me deve merecer o mesmo crédito que um jogador de futebol, quando se trata de discutir a angústia do marcador de um pénalti?

Finalmente, não posso deixar de assinalar algo que me parece altamente contraditório em várias posições dos que defendem o ensino rotineiro de procedimentos matemáticos — os *alicerces*, segundo um dos intervenientes. Se pegarmos nos dados disponíveis sobre a realidade do ensino da matemática no ensino secundário, nomeadamente a nível da sala de aula, em Portugal, o que transparece (ver por exemplo o relatório final do projecto da APM, Matemática 2001) é que o ensino ainda está muito apoiado em aspectos tradicionais, como por exemplo a resolução de exercícios, o trabalho eminentemente individual, a utilização estreita de recursos, com o manual escolar a dominar, a avaliação muito baseada em resultados de testes escritos de tempo limitado, etc. Assim sendo, quem critica os resultados obtidos pelos alunos, devia levar em consideração que eles também são fruto do tipo de ensino que defendem e que de facto não pode ser caracterizado pelas inovações de que discordam. É como se a inovação fosse morta antes de existir!

Fernando Nunes
Escola EB 2,3 Marquesa de Alorna

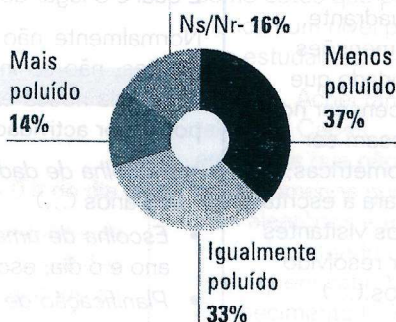


A poluição dos rios, com a consequente mortandade de peixes, é o problema ambiental que mais choca os portugueses

O QUE PENSAM OS PORTUGUESES SOBRE O AMBIENTE

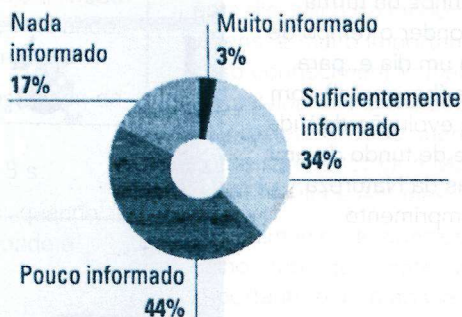
► PROBLEMAS AMBIENTAIS

Portugal é mais ou menos poluído do que outros países europeus?



► INFORMAÇÃO

Considera-se bem informado sobre o ambiente?



in Público, 8 Maio 2001